

BRUNO BORJA

O CAPITAL E A CULTURA: ELEMENTOS DE ECONOMIA POLÍTICA DA CULTURA EM MARX

Recebido em 16/05/2019

Aprovado em 24/10/2019

O CAPITAL E A CULTURA: ELEMENTOS DE ECONOMIA POLÍTICA DA CULTURA EM MARX

Resumo

Embora Marx não tenha escrito nenhum trabalho específico sobre cultura, é possível vislumbrar em sua obra elementos de estudos culturais pela perspectiva da crítica da economia política. O ponto de partida do artigo é a diferenciação de duas dimensões específicas da cultura: a cultura enquanto modo de vida particular e a cultura enquanto produção cultural. Em ambas a intenção é perceber as peculiaridades da cultura quando apropriada pelo capital. Neste sentido, serão percorridos alguns dos escritos de Marx para extrair os pontos de contato entre o capital e a cultura, isto é, como a relação social de produção dominante no modo de produção capitalista se coloca como determinante também para o campo da cultura. Por este caminho, serão apresentados alguns elementos de economia política da cultura em Marx.

Palavras-chave: Marx; cultura; capital; modo de vida; produção cultural.

BRUNO BORJA

Professor do Departamento de Ciências Econômicas do Instituto Multidisciplinar da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (DPCE/IM/UFRRJ). Pesquisador do Coletivo Marxista da Rural (MAR/UFRRJ).

E-mail: borja.bruno@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4813-7001>

Abstract

Although Marx has not written any specific work on culture, it is possible to glimpse in his work elements of cultural studies from the perspective of the critique of political economy. The starting point of the paper is the differentiation between two specific dimensions of culture: culture as a particular way of life and culture as cultural production. In both, the intention is to perceive the peculiarities of culture when appropriated by capital. In this sense, some of Marx's writings will be covered to extract points of contact between capital and culture, specifically how the dominant social relation of production in the capitalist mode of production is also determinant for the cultural field. Thus, some elements of the political economy of culture in Marx will be presented.

Keywords: Marx; culture; capital; way of life; cultural production.

I. Introdução

Marx não escreveu nenhum trabalho específico sobre cultura. No entanto, é possível vislumbrar em sua obra elementos de análise da cultura pela perspectiva da crítica da economia política. Neste sentido, percorro alguns de seus escritos para extrair deles os pontos de contato entre o capital e a cultura, isto é, como a relação social de produção dominante no modo de produção capitalista coloca-se como determinante também para o campo da cultura. Deste modo, busco apresentar alguns elementos de economia política da cultura em Marx.

O ponto de partida é a diferenciação de duas dimensões específicas da cultura: a cultura enquanto modo de vida particular e a cultura enquanto produção cultural. Em ambas a intenção é perceber as peculiaridades da cultura quando apropriada pelo capital. Na medida em que a relação social do capital se difunde na sociedade e se afirma o modo de produção capitalista, observa-se uma mudança cultural de grande impacto, trazendo novas contradições sociais, que se expressam também na cultura.

Na seção “**modo de produção, modo de vida**” traço um paralelo entre a definição de Marx do modo de produção da vida material e sua formulação enquanto um modo de vida particular. Partindo da produção dos meios de subsistência e do trabalho como mediação universal entre ser humano e natureza, forma-se uma cultura. No entanto, esta cultura não está isenta de contradições. A transição ao modo de produção capitalista promove a difusão da relação social do capital e instaura contradições específicas no seio da cultura, formando diferentes classes sociais, cada qual com sua cultura de classe. No caso da classe trabalhadora, essa cultura de classe envolve tanto a cultura laboral, quanto o modo de vida fora do espaço de trabalho, elementos importantes na dinâmica da luta de classes.

A seção “**produção cultural, produção capitalista**” trata da progressiva apropriação das artes pelo capital. A princípio, o trabalho artístico é visto por Marx como uma práxis potencialmente libertadora, um momento

de autorrealização, autoconhecimento e autodesenvolvimento do ser humano. No entanto, ao cair sob o domínio do capital, o trabalho artístico vai se transformar em seu oposto: alienação, exploração e subsunção ao capital – um trabalho produtivo para a acumulação de capital. Isso enseja a formação da indústria cultural, com a introdução da maquinaria e a produção em massa de mercadorias culturais, objeto privilegiado de estudo da economia política da cultura.

2. Modo de produção, modo de vida

São bem conhecidas as preocupações de Marx quanto à produção dos meios de subsistência dos seres humanos vivendo em sociedade. A produção da vida material se apresenta como o ponto de partida de sua análise sobre o modo de produção capitalista, elemento distintivo do materialismo histórico enquanto método. Aqui tento extrair algumas implicações da análise da produção dos meios de subsistência para a formulação de sua crítica da economia política. Particularmente, interessa apresentar as conexões entre modo de produção e modo de vida, donde é possível vislumbrar alguns elementos de economia política da cultura em Marx, traçando uma relação entre o capital e a cultura.

O método de Marx não fecha as questões econômicas, isolando-as das outras dimensões da sociedade. Ao contrário, a perspectiva de totalidade busca conectar dialeticamente as diferentes esferas do ser social. O pressuposto materialista do método coloca a necessidade de tomar como núcleo da análise a produção da vida material, isto é, como os seres humanos vivendo em sociedade conseguem se reproduzir materialmente. Este seria o primeiro ato histórico: a produção e reprodução da vida material. “O modo de produção da vida material condiciona o desenvolvimento da vida social, política e intelectual em geral.” (MARX, [1859] 1977, p. 24).

Daí deriva uma compreensão muito particular do trabalho, entendido enquanto atividade prática, transformadora da realidade e forma universal de

mediação entre ser humano e natureza. Todo ato de intervenção humana sobre a natureza e a realidade social é considerado trabalho. E este se apresenta como elemento central da reprodução social, gozando de prioridade ontológica, logo, categoria central de análise para Marx¹. “O trabalho é, antes de tudo, um processo entre o homem e a natureza, processo este em que o homem, por sua própria ação, medeia, regula e controla seu metabolismo com a natureza.” (MARX, [1867] 2013, p. 255).

Independente da formação social em análise, o trabalho, esta prática social determinante, coloca-se como elemento central da vida humana². A conformação de um modo de produção da vida material surge, assim, de uma perspectiva ampla sobre a relação entre ser humano e natureza, colocando-se como um modo de estar no mundo, um modo de ser, um modo de vida.

Esse modo de produção não deve ser considerado no seu mero aspecto de reprodução da existência física dos indivíduos. Trata-se já, isto sim, de uma forma determinada da atividade desses indivíduos, de uma forma determinada de exteriorizarem a sua vida, de um determinado modo de vida dos mesmos. Como exteriorizam a sua vida, assim os indivíduos o são. Aquilo que eles são coincide, portanto, com a sua produção, *com o que* produzem e também *com o como* produzem. Aquilo que os indivíduos são depende, portanto, das condições materiais da sua produção. (MARX & ENGELS, [1845-1846] 2009, p. 24-25; grifos no original)

Ao ressaltar a forma determinada desta atividade, Marx e Engels nos apontam os constrangimentos históricos e sociais que atuam sobre a forma de exteriorização dos seres humanos em sua produção da vida material. Destacam também a necessidade de investigar o que produzem e como produzem, encaminhando a determinação das forças produtivas e das relações

¹ Sobre a prioridade ontológica da produção da vida material e a centralidade do trabalho, cf. Lukács (2018).

² “Como criador de valores de uso, como trabalho útil, o trabalho é, assim, uma condição da existência do homem, independente de todas as formas sociais, eterna necessidade natural de mediação do metabolismo entre homem e natureza e, portanto, da vida humana.” (MARX, [1867] 2013, p. 120).

sociais de produção sobre a ação dos seres humanos em sociedade. Aqui é possível estabelecer uma conexão entre modo de produção e modo de vida, uma dimensão da cultura³.

Terry Eagleton, em *A ideia de cultura* (2000), mostra-nos como se desenvolve o conceito de cultura como modo de vida. Segundo ele, as primeiras formulações derivam do iluminismo do século 18, em que cultura aparece como sinônimo de civilização, ou seja, ser culto ou ter cultura se identificava com ser civilizado ou pertencer a uma civilização. A expansão colonial e imperialista da civilização burguesa europeia e seu domínio sobre outros povos teria feito surgir um interesse especial pelas características culturais destes povos, de modo que a antropologia viria a pesquisar a cultura do “outro”. No século 19, então, surgiria uma distinção entre civilização e cultura, na qual a cultura seria referida aos outros povos que possuíam um modo de vida particular, mas que não teriam constituído uma civilização – com um nítido viés imperialista do conceito.

Ainda segundo Eagleton (2000), ao final do século 19, ocorreria uma mudança importante no conceito de cultura a partir da crítica cultural alemã. A cultura seria imbuída de um sentido crítico de resistência ao processo civilizatório, uma crítica romântica que vislumbrava formas de impedir a difusão do capitalismo através da defesa das culturas tradicionais ainda não incorporadas, numa disputa entre tradição e modernidade. Por esse caminho foi se delineando um dos sentidos modernos de cultura, tal como a define Raymond Williams, em *Palavras-chave*: cultura seria “[...]um modo particular de vida, quer seja de um povo, um período, um grupo ou da humanidade em geral [...]” (WILLIAMS, 2007, p. 121).

Marx foi influenciado pelo romantismo alemão, mas neste ponto se coloca uma grande diferença entre a crítica romântica e a crítica de Marx ao

³ Como bem disse Thompson (2012, p. 254): “Não estou pondo em dúvida a centralidade do modo de produção [...]. Estou colocando em questão – e os marxistas, se quiserem abrir um diálogo honesto com os antropólogos, devem colocar em questão – a ideia de ser possível descrever um modo de produção em termos ‘econômicos’ pondo de lado, como secundárias (menos ‘reais’), as normas, a cultura, os decisivos conceitos sobre os quais se organiza um modo de produção”.

capitalismo: se a crítica romântica pretendia restringir a expansão do modo de produção e da civilização burguesa a partir de fora, como crítica externa ao capitalismo, Marx buscava fazer uma crítica imanente ao capitalismo, a partir de dentro do modo de produção e da civilização burguesa, vislumbrando em suas contradições internas a possibilidade de sua superação, a partir da luta entre suas classes fundamentais.

Vejamos então como Marx interpreta a formação histórica do capitalismo e suas contradições internas, também em termos culturais. Ao tratar da transição do feudalismo para o capitalismo na Inglaterra, na chamada acumulação primitiva ou originária, Marx afirma a historicidade dos modos de produção, apresentando a gênese histórica do capitalismo. Especialmente importante é sua análise da formação das classes sociais e dos mercados. Apresenta a acumulação primitiva, marcada pela expropriação violenta, como o processo de dissociação entre trabalhadores e meios de produção de sua subsistência, concretizado no cercamento dos campos.

Esta separação está na raiz da formação do mercado de trabalho e do mercado interno, além de caracterizar uma transmutação das classes fundamentais do feudalismo, com a formação das classes burguesa e trabalhadora: proprietários e não-proprietários dos meios de produção. A dissociação entre o trabalhador e a terra, principal meio de produção da subsistência, marca a mutação da servidão em assalariamento, e instaura o capital como relação social de produção. O trabalhador livre, nos dois sentidos – juridicamente livre e também “livre” dos meios de produção –, vai se desvincular da terra e a relação social de produção passará a ser mediada pelo dinheiro, com o assalariamento.

A expropriação e expulsão de uma parte da população rural não só libera trabalhadores para o capital industrial, e com eles seus meios de subsistência e seu material de trabalho, mas cria também o mercado interno.

De fato, os acontecimentos que transformam os pequenos camponeses em assalariados, e seus meios de subsistência e de trabalho em elementos materiais do capital, criam para este último, ao mesmo tempo, seu mercado

interno. Anteriormente, a família camponesa produzia e processava os meios de subsistência e matérias-primas que ela mesma, em sua maior parte, consumia. Essas matérias-primas e meios de subsistência converteram-se agora em mercadorias [...]. (MARX, [1867] 2013, p. 818)

A impossibilidade de produzir sua subsistência e a expulsão de parte da população rural para as cidades serão os elementos de constituição do mercado de trabalho e do mercado interno, transformando a força de trabalho em mercadoria e impondo a necessidade de comprar os itens básicos de sua subsistência: alimentação, moradia, vestimenta etc. Daí a importância dos mercados como núcleo da sociabilidade burguesa, com suas relações sociais mediadas pelo dinheiro.

A migração para as cidades é característica do desenvolvimento capitalista, e aos poucos vai se afirmando o predomínio do modo de vida urbano frente à vida rural. Esse predomínio intensifica-se muito com a industrialização, promovendo a concentração urbana. A transformação da sociedade agrária em sociedade urbano-industrial é um ponto comum do desenvolvimento capitalista e uma mudança na totalidade do modo de produção em suas várias dimensões, inclusive na sua relação com o território.

A urbanização, portanto, apresenta-se como um fenômeno social amplo, sendo determinado pelas – e determinante para – dimensões econômica, social, política e cultural. O predomínio da vida urbana significa uma grande mudança cultural, abarcando elementos como: moradia, alimentação, laços de sociabilidade, identidades de grupo, ritmo de vida, processo de trabalho etc. Temos, desta maneira, uma mudança no modo de vida, na relação das pessoas entre si e na sua relação com o meio físico, características da dimensão cultural.

Todavia, este processo de mudança cultural não ocorre sem contradições. A instauração do capital, a relação social de produção fundada no assalariamento, pressupõe a força de trabalho transformada em mercadoria. Uma mercadoria especial, dirá Marx, cujo valor de uso é a capacidade de criar valor. Por outro lado, esta mercadoria especial tem um valor determinado,

não na esfera do mercado, mas na esfera de sua própria produção e vale o quanto de trabalho socialmente necessário lhe foi dedicado. Seguindo a economia política clássica, Marx vai argumentar que o valor da mercadoria força de trabalho será determinado pelo valor dos meios de subsistência necessários à sua produção e reprodução.

O valor da força de trabalho, como o de todas as outras mercadorias, é determinado pelo tempo de trabalho necessário para a produção – e, conseqüentemente, também para a reprodução – desse artigo específico. [...] Dada a existência do indivíduo, a produção da força de trabalho consiste em sua própria reprodução ou manutenção. Para sua manutenção, o indivíduo necessita de certa quantidade de meios de subsistência. Assim, o tempo de trabalho necessário à produção da força de trabalho corresponde ao tempo de trabalho necessário à produção desses meios de subsistência, ou, dito de outro modo, o valor da força de trabalho é o valor dos meios de subsistência necessários à manutenção de seu possuidor. (MARX, [1867] 2013, p. 245)

Observa-se, novamente, a centralidade conferida por Marx à produção da vida material, em que os meios de subsistência determinam o valor da força de trabalho – a mercadoria mais importante do modo de produção capitalista. Pode-se perceber a seguinte articulação: a força de trabalho se torna mercadoria, pois o trabalhador é expropriado dos meios de produção de sua subsistência; forma-se um mercado de trabalho no qual a força de trabalho é vendida e alienada em benefício do capitalista; o valor da mercadoria força de trabalho é determinado pelo valor dos meios de subsistência necessários à sua produção e reprodução; esses meios de subsistência, por sua vez, também são transformados em mercadoria e constituem o mercado interno.

Ou seja, a produção dos meios de subsistência é elemento determinante da análise de Marx, afirmando-se como elo central na formação do capitalismo, suas classes sociais e seus mercados. Isso, no entanto, adquire importância mais ampla para a cultura na medida em que captamos como Marx vai conceituar estes meios de subsistência, entendidos como meios de vida, logo, essenciais para o modo de vida dos trabalhadores enquanto classe, ou seja, para sua cultura de classe.

A quantidade dos meios de subsistência tem, portanto, de ser suficiente para manter o indivíduo trabalhador como tal em sua condição normal de vida. As próprias necessidades naturais, como alimentação, vestimenta, aquecimento, habitação etc., são diferentes de acordo com o clima e outras peculiaridades naturais de um país. Por outro lado, a extensão das assim chamadas necessidades imediatas, assim como o modo de sua satisfação, é ela própria um produto histórico e, por isso, depende em grande medida do grau de cultura de um país, mas também depende, entre outros fatores, de sob quais condições, e, por conseguinte, com quais costumes e exigências de vida se formou a classe de trabalhadores livres num determinado local. Diferentemente das outras mercadorias, a determinação do valor da força de trabalho contém um elemento histórico e moral. (MARX, [1867] 2013, p. 246)

A conceituação de meios de subsistência adotada por Marx é ampla e conta com componentes de caráter histórico, moral e, também, cultural⁴. Assim, de acordo com o desenvolvimento do modo de produção capitalista e suas forças produtivas, o valor da mercadoria força de trabalho depende das condições de vida e da cultura da classe trabalhadora, com seus costumes, hábitos e tradições elaborados em sua formação histórica enquanto classe.

O modo particular de vida da classe trabalhadora, sua cultura de classe, coloca-se como elemento determinante do valor dos meios de subsistência e, logo, da mercadoria força de trabalho. A quantidade e a qualidade dos meios de subsistência necessários à produção e reprodução da classe trabalhadora são condicionadas por seu modo de vida, costumes, hábitos e tradições. Esses se afirmam como fatores de resistência dos trabalhadores ao rebaixamento dos salários imposto pelos capitalistas e, assim, afirmam-se como fatores de extrema importância na dinâmica da luta de classes.

Aqui temos um elemento cultural de crítica ao capitalismo, uma crítica imanente, de dentro do próprio modo de produção. O desenvolvimento capitalista vai destruindo e modificando a cultura e as condições de vida da classe trabalhadora, que, por sua vez, resiste na luta de classes, defendendo seu modo de vida particular. Podemos desdobrar este componente cultural

⁴ Lukács (2018, p. 311) dirá que estes são “momentos extraeconômicos da realização da lei do valor”.

da luta de classes em dois momentos: primeiro, a cultura laboral, saber produtivo, formação profissional, costumes e tradições ligados ao processo de trabalho; segundo, as condições de vida em geral, como moradia, alimentação, estrutura familiar, educação, religião, usos do tempo livre, lazer etc.

Começando pelo processo de trabalho e pelas modificações impostas pelo domínio do capital na esfera da produção, podemos acompanhar como Marx analisa a progressiva expropriação do saber produtivo do trabalhador pelo capital. Um processo interligado de alienação, exploração e subsunção, no qual ocorre uma modificação da cultura laboral do trabalhador. A passagem do artesanato à manufatura e à grande indústria se coloca como momento determinante da produção do mais-valor relativo, com a queda do valor da força de trabalho concomitante ao aumento da produtividade.

Marx descreve a perda de autonomia do trabalhador frente a seu trabalho, caminhando da subsunção formal à subsunção real ao capital. O artesão plenamente qualificado para a produção de uma mercadoria vai se transformando no trabalhador parcial, fragmentado pela divisão capitalista do trabalho e especializado em uma única função do processo produtivo. Esse trabalhador parcial ainda retém saberes e práticas da cultura laboral artesã, mas vai reduzindo seu campo de ação. Isso ganha nova dimensão quando a maquinaria é introduzida, substituindo instrumentos manuais e passando a fazer a mediação entre trabalhador e objeto de trabalho. Com o sistema de máquinas da grande indústria, o trabalhador perde controle sobre o processo de trabalho, sendo progressivamente conduzido pelo ritmo da máquina⁵.

Na condição de trabalhador parcial, a força de trabalho sofre uma queda em seu valor, reduzindo seu custo de formação profissional. O trabalhador perde conhecimento e saber produtivo, agora incorporado à maquinaria enquanto elemento do capital. No entanto, a especialização eleva a produtividade do trabalho em sua função parcial e, do conjunto dos trabalhadores

⁵ Tanto Gramsci ([1934] 2001), em “Americanismo e fordismo”, quanto Thompson ([1967] 1998), em “Tempo, disciplina de trabalho e capitalismo industrial”, abordam essa temática fazendo a conexão entre cultura e crítica da economia política.

parciais, surge uma força coletiva nova que é inteiramente apropriada pelo capital. Assim, a mutilação do trabalhador parcial e a expropriação de sua cultura laboral pelo capital se convertem em uma alavanca da exploração capitalista, com aumento do mais-valor relativo. “A unilateralidade e mesmo a imperfeição do trabalhador parcial convertem-se em sua perfeição como membro do trabalhador coletivo.” (MARX, [1867] 2013, p. 423).

Fora do espaço de trabalho também podemos observar como o modo de vida da classe trabalhadora é importante para a produção do mais-valor relativo, que é, essencialmente, uma redução do tempo de trabalho necessário frente ao aumento do tempo de trabalho excedente na composição da jornada de trabalho. Além da fragmentação do trabalhador parcial, outro meio de extração do mais-valor relativo apontado por Marx é a redução do valor da força de trabalho através da redução do valor de seus meios de subsistência. Assim, aumentos de produtividade nos ramos de produção dos meios de subsistência dos trabalhadores teriam impacto no valor da força de trabalho.

Convém observar, no entanto, que, sendo o valor da força de trabalho determinado por componentes culturais, também o rebaixamento das condições de vida dos trabalhadores apresenta-se como um meio de produção do mais-valor relativo, na medida em que reduz o valor da força de trabalho. Tanto o aumento de produtividade quanto a mais brutal deterioração das condições de vida dos trabalhadores podem ser meios de produção do mais-valor relativo, reduzindo o valor dos meios de subsistência dos trabalhadores e, logo, o tempo de trabalho necessário na jornada de trabalho.

Marx aborda este tema em *O Capital*, ao tratar da lei geral da acumulação capitalista, apontando uma tendência ao pauperismo da classe trabalhadora. Faz uma investigação sobre o modo de vida dos trabalhadores ingleses⁶, observando suas condições de moradia, alimentação, educação,

⁶ Esta é uma das grandes influências de Engels sobre Marx. Engels já havia antecipado esse estudo sobre as condições de vida dos trabalhadores ingleses ao publicar, em 1845, o livro *A situação da classe trabalhadora inglesa*, amplamente referido por Marx em *O Capital*.

organização familiar, taxas de natalidade e mortalidade, expectativa de vida etc. Assim, Marx adentra o terreno oculto da produção da mercadoria força de trabalho e, neste âmbito, conclui que há uma polarização: de um lado a riqueza e o desenvolvimento cultural da burguesia; de outro, a pobreza e o rebaixamento cultural dos trabalhadores⁷.

O pleno desenvolvimento do capitalismo traria consigo a redução do valor de todas as mercadorias, dentre elas, a força de trabalho. O aperfeiçoamento do trabalhador enquanto força produtiva teria o revés de degradar o trabalhador enquanto ser humano, deteriorando seu modo de vida, sua cultura. Esse fato apresenta-se como um dos fundamentos da necessidade da organização da classe trabalhadora para a luta política.

Os interesses, as condições de vida no seio do proletariado homogeneízam-se cada vez mais, à medida que o maquinismo oblitera as diferenças do trabalho e quase em toda a parte reduz os salários a um nível igualmente baixo. [...] Cada vez mais, conflitos isolados entre operários e burgueses assumem o caráter de conflitos entre duas classes. (MARX & ENGELS, [1848] 2007, p. 38-39)

O reconhecimento das condições de vida em comum, de costumes em comum, de uma cultura de classe, seria um momento importante da tomada de consciência para a organização política, embora não a garanta de partida⁸. A conjunção destes dois componentes culturais – a cultura laboral no processo de trabalho e o modo de vida particular – coloca-se como uma condição de classe, fundamento da consciência de classe possível e um ponto de partida para a organização da luta contra o capital.

⁷ “Portanto, a acumulação de riqueza num polo é, ao mesmo tempo, a acumulação de miséria, o suplício do trabalho, a escravidão, a ignorância, a brutalização e a degradação moral no polo oposto, isto é, do lado da classe que produz seu próprio produto como capital.” (MARX, [1867] 2013, p. 721).

⁸ “Milhões de famílias existindo sob as mesmas condições econômicas que separam seu modo de vida, os seus interesses e a sua cultura do modo de vida, dos interesses e da cultura das demais classes, contrapondo-se a elas como inimigas, formam uma classe.” (MARX, [1852] 2011, p. 143). Essa condição de classe afirma-se como um potencial de organização para a luta, porém não há determinismo aqui. Em *O 18 de brumário* de Luís Bonaparte, este argumento vai em sentido oposto e Marx vê na cultura camponesa, em seu modo de vida, um limite para a tomada de consciência e a organização de classe.

3. Produção cultural, produção capitalista

A cultura apresenta-se como uma esfera complexa da realidade social, com diferentes definições conceituais. Após ter explorado sua dimensão de modo de vida, gostaria de tratar agora de sua dimensão vinculada à produção cultural. Talvez esta seja a forma mais tradicional de entendimento da cultura, uma categoria que “descreve as obras e as práticas da atividade intelectual e, particularmente, artística. Com frequência, esse parece ser hoje o sentido mais difundido: *cultura* é música, literatura, pintura, escultura, teatro e cinema.” (WILLIAMS, 2007, p. 121; grifo no original)

Trata-se, então, de abordar a cultura pela dimensão das artes. No entanto, a abordagem aqui pretendida não se refere propriamente ao campo da estética, embora mantenha um diálogo com ela. A tentativa empreendida vai no sentido de abordar a produção cultural pelo viés da crítica da economia política, ou seja, buscar em Marx elementos que nos permitam analisar a arte enquanto processo produtivo, mais especificamente, enquanto produção de mercadorias culturais sob o domínio do capital.

Se já observamos como o desenvolvimento capitalista implica mudança cultural no modo de vida, podemos agora analisar a produção artística inserida na produção em geral da sociedade, isto é, a produção de literatura, música, teatro, cinema, artes plásticas e demais linguagens artísticas está inserida no contexto mais amplo do modo de produção da vida material em sua totalidade⁹. É preciso produzir arte. Logo, a arte é um trabalho de transformação da realidade, criando produtos materiais e imateriais antes inexistentes.

Assim, a arte está condicionada pelo grau de desenvolvimento das forças produtivas e requer um processo de trabalho específico, utilizando meios de produção específicos para criar produtos específicos. O trabalho artístico se coloca como uma práxis, uma prática orientada para um fim determinado

⁹ “Religião, família, Estado, direito, moral, ciência, arte etc., são apenas formas *particulares* da produção e caem sob a sua lei geral.” (MARX, [1843-1844] 2004, p. 106; grifo no original)

(FREDERICO, 2016). Para realizar esta prática, o trabalhador artista utiliza meios de produção próprios, instrumentos de trabalho que se tornam cada vez mais especializados, quanto mais se desenvolve o processo produtivo. E ao final obtém-se um produto específico, seja material ou não.

Marx vai entender este processo de trabalho como um momento de autorrealização humana, em que os seres humanos exteriorizam-se em sua produção, objetivando sua essência, refletindo a si mesmos e à sociedade no produto artístico. Essa objetivação seria também um momento de autoconhecimento: ao se exteriorizar em práticas e objetos artísticos, os seres humanos reconheceriam a si mesmos, tomando consciência de si e da sociedade. Daí o caráter gnosiológico da arte, uma forma de conhecimento. Por fim, o trabalho artístico, como o processo de trabalho em geral, teria um caráter de formação, pois, ao realizar as práticas de trabalho, o ser humano, além de produzir um produto, também produz a si mesmo, desenvolve suas potências, sua sensibilidade e seus sentidos¹⁰.

No entanto, este processo de trabalho aparentemente livre e libertador vai ganhando outras características na medida em que se constitui enquanto produção de mercadorias sob o domínio do capital¹¹. O processo de trabalho passa, então, a ser subordinado ao processo de valorização, sendo o trabalho artístico alienado em benefício do capital, subsumido ao capital, que lhe toma o controle. Como consequência, o produto do trabalho será agora propriedade do capital, aparecendo ao trabalhador como uma força estranha: a objetivação do trabalho não surge mais como autorrealização, autoconhecimento e autodesenvolvimento, tornando-se seu oposto: alienação, estranhamento e atrofiamento das potências humanas¹².

¹⁰ Sobre as características do trabalho artístico e da estética em Marx, ver: Konder (1967), Lifschitz (2010) e Lukács (2009).

¹¹ “Este regime, porém, instaura uma ruptura deletéria entre o trabalho e o livre desenvolvimento dos homens.” (LIFSCHITZ, 2010, p. 56).

¹² “Este fato nada mais exprime, senão: o objeto que o trabalho produz, o seu produto, se lhe defronta como um *ser estranho*, como um *poder independente* do produtor. O produto do trabalho é o trabalho que se fixou num objeto, fez-se coisal, é a *objetivação* do trabalho. A efetivação do trabalho é a sua objetivação. Esta efetivação do trabalho aparece ao estado nacional-econômico com *desefetivação* do trabalhador, a objetivação como *perda do objeto* e *servidão ao objeto*, a apropriação como *estranhamento*, como *alienação*.” (MARX, [1843-1844] 2004, p. 80; grifos no original).

Isso decorre da condição capitalista da propriedade privada, em que o produto do trabalho não pertence ao trabalhador, mas ao proprietário dos meios de produção. Uma vez que a esfera da produção cultural vai sendo apropriada pelo capital, sua lógica se altera e passam a vigorar as leis de funcionamento do modo de produção capitalista. O processo de trabalho vai ser dominado pelo processo de valorização, o valor de uso dos produtos artísticos vai ser dominado por seu valor de troca, o trabalhador vai ser dominado pelo capitalista.

O artista perde sua condição de artesão autônomo e se transforma em trabalhador assalariado na relação social do capital¹³. E, como tal, está sujeito à alienação, à exploração e à subsunção ao capital. Ao estabelecer o capital como relação social também na esfera da produção cultural, o capitalista transforma o artista em trabalhador produtivo para o capital. Marx vai fazer uma diferenciação entre trabalho produtivo num processo simples de trabalho, que gera um produto com valor de uso socialmente útil, e o trabalho produtivo no processo capitalista de produção, que gera mais-valor, valorização do valor e, sob a exploração do capitalista, promove a acumulação de capital. Também o trabalho artístico será capturado pela lógica do capital.

O escritor é um trabalhador produtivo não porque produz ideias, mas porque enriquece o editor que publica as suas obras; conseqüentemente, é produtivo enquanto trabalhador assalariado de um capitalista.

O valor de uso da mercadoria em que se materializa o trabalho de um trabalhador produtivo pode ser totalmente insignificante. Esta característica do trabalho não está vinculada à sua propriedade de ser produtivo que, ao contrário, expressa somente a relação social e concreta da produção. Temos aqui uma determinação do trabalho que não deriva do seu conteúdo ou de seu resultado, mas da sua forma social concreta. (MARX, 2010, p. 152)

¹³ “A burguesia despojou de sua aura todas as atividades até então consideradas com respeito e temor religioso. Transformou o médico, o jurista, o padre, o poeta, o homem da ciência, em assalariados por ela remunerados.” (MARX & ENGELS, [1848] 2007, p. 28).

Portanto, o que vai determinar o caráter produtivo do trabalho no modo de produção capitalista será sua subordinação à relação social do capital. Em *O Capital*, Marx argumenta que, sob o capitalismo, o conceito de trabalho produtivo sofre ao mesmo tempo uma ampliação e um estreitamento. Se a condição do trabalho produtivo em geral era a produção de um valor de uso, no processo de produção capitalista essa condição amplia-se na medida em que o trabalhador produtivo não precisa mais produzir uma mercadoria por inteiro, mas simplesmente executar uma função parcial dentro da cooperação do trabalho coletivo. O trabalhador parcial é produtivo por ser um órgão do trabalhador coletivo – e este, sim, produzirá uma mercadoria. Por outro lado, o conceito de trabalhador produtivo sofre um estreitamento, na medida em que não basta produzir uma mercadoria com valor de uso socialmente válido – é necessário estar subsumido ao capital. Ou seja, o trabalhador que produz um valor de uso de forma independente do capital não se coloca como um trabalhador produtivo no capitalismo. Em *Teorias da mais-valia*, Marx argumenta neste sentido para qualificar o trabalho artístico como produtivo ou não.

[...] o literato-proletário que, por encomenda do seu editor, produz livros (por exemplo, manuais de economia política), é um *trabalhador produtivo*, pois a sua produção se encontra, desde o começo, subsumida ao capital e é realizada exclusivamente para aumentar o seu valor. Uma cantora que vende seu canto por conta e risco próprios é uma *trabalhadora improdutiva*. Mas a mesma cantora levada a cantar por um empresário que quer ganhar dinheiro com seu canto é uma *trabalhadora produtiva* porque produz capital. (MARX, 2010, p. 152-153; grifos no original)¹⁴

No que toca diretamente à produção cultural, Marx irá esboçar uma reflexão pertinente, porém inconclusa, sobre a distinção entre os tipos de trabalho artístico que podem ser apropriados pela produção capitalista enquanto trabalho produtivo para o capital. Levanta duas hipóteses de investigação:

¹⁴ Esta citação – assim como a anterior e a próxima – é uma passagem de *Teorias da mais-valia*. Utilizo aqui a tradução compilada na edição dos textos escolhidos de Marx e Engels sobre *Cultura, arte e literatura*.

1) o trabalho artístico que produz um objeto palpável que pode ser comercializado, separando o ato de produção do ato de consumo; 2) o trabalho artístico que não gera propriamente um objeto, mas que depende da *performance* ao vivo do artista, o qual Marx chama de artista executante, quando não há separação entre o ato de produção e o de consumo.

1. Pode resultar em *mercadorias*, em valores de uso que assumam uma forma própria, independente tanto do produtor quanto do consumidor – que, portanto, possa existir um intervalo de tempo mediando a produção e o consumo e que neste período possam utilizar-se como *mercadorias vendáveis* –; é o caso, por exemplo, dos livros, dos quadros, e de todas as obras de arte que existem independentemente da atividade de quem as cria. Neste caso, a produção capitalista se aplica em escala muito limitada [...].

2. O produto produzido é inseparável do próprio ato de produzir, como ocorre no caso dos artistas executantes, oradores, atores, professores, médicos, padres etc. Também aqui o modo de produção capitalista tem uma margem de aplicação muito reduzida e, pela própria natureza dos objetos, pode estender-se em apenas alguns setores. [...] Aqui, o ator se relaciona com o público como artista, ainda que seja, para seu empresário, um *trabalhador produtivo*. Essas manifestações da produção capitalista, neste domínio, se comparadas à produção em seu conjunto, são tão pouco significativas que não podemos dedicar-lhes maior atenção. (MARX, 2010, p. 153-154; grifos no original)

Estas são hipóteses pouco desenvolvidas por Marx, como o mesmo afirma. No entanto, abrem caminhos interessantes de pesquisa para a economia política da cultura. Convém observar a imprecisão conceitual de Marx ao tratar o produto dos artistas executantes enquanto um objeto. Raymond Williams aborda essa questão no artigo *Base e superestrutura na teoria da cultura marxista*. Ali argumenta: “Creio que a verdadeira crise da teoria da cultura, em nossa época, esteja entre esse ponto de vista da obra de arte como objeto e a visão alternativa da arte como uma prática.” (WILLIAMS, 2011, p. 65)¹⁵.

¹⁵ Sobre a distinção entre objetos e práticas na perspectiva do materialismo cultural, ver Cevasco (2003).

Assim, teríamos uma análise das práticas artísticas transformadas em mercadoria, seja esta mercadoria um objeto palpável ou não. Retornamos, desta forma, ao ponto central da questão: como as práticas artísticas são alienadas e fogem ao controle do trabalhador artista. Conclui Williams (2011, p. 67): “o que estamos ativamente buscando é a prática efetiva que foi alienada em um objeto e as verdadeiras condições desta prática”¹⁶. No caso da produção cultural enquanto produção capitalista, isso significa buscar as condições em que o trabalho do artista é alienado, subsumido e explorado pelo capital no intuito da valorização do valor e da acumulação de capital.

Evidentemente que o desenvolvimento histórico do capitalismo não havia colocado certas questões da produção cultural ao tempo de Marx. Ainda não havia chegado o momento da *obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*, tal como definiu Walter Benjamin¹⁷, com a reprodução em massa de mercadorias culturais. Nem muito menos o momento da *sociedade do espetáculo*, tal como a caracterizou Guy Debord¹⁸, com os artistas executantes produzindo mercadorias plenamente apropriadas pelo capital. Daí, ao seu tempo, Marx afirmar serem essas manifestações da produção capitalista pouco significativas, não lhes dedicando muita atenção.

O desenvolvimento capitalista não se processa de forma homogênea, ao contrário, o capital se apropria progressivamente das diferentes esferas do ser social, gerando um desenvolvimento desigual (LUKÁCS, 2018). A dinamização do processo de troca e a expansão dos mercados possibilitam maior divisão social do trabalho, autonomizando aos poucos as diferentes esferas da produção enquanto produtoras de mercadorias independentes, diretamente levadas ao mercado para satisfazer novas necessidades.

¹⁶ Esta abordagem está em total acordo com o próprio Marx quando afirma: “Examinamos o ato do estranhamento da atividade humana prática, o trabalho, sob dois aspectos. 1) A relação do trabalhador com o *produto do trabalho* como objeto estranho e poderoso sobre ele. [...] 2) A relação do trabalho com *ato da produção* no interior do *trabalho*. Esta relação é a relação do trabalhador com sua própria atividade como uma [atividade] estranha não pertencente a ele [...] O *estranhamento-de-si*, tal qual acima o estranhamento da *coisa*.” (MARX, [1843-1844] 2004, p. 83; grifos no original).

¹⁷ Walter Benjamin ([1935-1936] 1994), “A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica”.

¹⁸ Guy Debord ([1967] 1997), *A sociedade do espetáculo*.

Talvez a mercadoria seja o produto de um novo modo de trabalho, que se destina à satisfação de uma necessidade recém-surgida ou pretende ela própria engendrar uma nova necessidade. O que até ontem era uma função entre muitas de um e mesmo produtor de mercadorias, hoje pode gerar uma nova modalidade particular de trabalho, que, separada desse conjunto, autonomizada, manda seu produto ao mercado como mercadoria independente. (MARX, [1867] 2013, p. 180)

Assim, o domínio do capital sobre a produção vai alastrando-se de forma desigual, autonomizando certas esferas da produção enquanto produtoras de mercadorias e atribuindo-lhes importância destacada. Esta é, em si, uma contribuição importante de Marx à reflexão sobre a produção cultural, na medida em que é preciso captar a dinâmica do desenvolvimento capitalista em geral para precisar o desenvolvimento desigual da esfera cultural e de suas diferentes linguagens. “Se esse é o caso na relação dos diferentes gêneros artísticos no domínio da arte, não surpreende que seja também o caso na relação do domínio da arte como um todo com o desenvolvimento geral da sociedade.” (MARX, [1857-1858] 2011, p. 63).

O desenvolvimento desigual do capitalismo se concretiza no domínio desigual do capital sobre as diferentes esferas da produção, tendo sua expressão mais acabada num processo de industrialização também desigual. No caso da revolução industrial inglesa, analisada por Marx em *O Capital*, sua primeira manifestação ocorre na indústria têxtil, espalhando-se depois para a produção de carvão, ferro e aço e para a produção de máquinas, avançando também sobre outras esferas, como transportes e comunicações (ferrovias, navios a vapor, telégrafo). O capital busca espaços de acumulação, seja ocupando espaços já existentes, seja criando novos espaços abertos pelo desenvolvimento capitalista.

O aumento dos meios de produção e de subsistência, acompanhado da diminuição relativa do número de trabalhadores, leva à expansão do trabalho em ramos da indústria cujos produtos – como canais, docas, túneis, pontes etc. – só trazem retorno num futuro mais distante. Eles se formam, seja diretamente sobre a base da maquinaria, seja em consequência da

revolução industrial geral que ela provoca, como ramos inteiramente novos da produção e, portanto, como novos campos de trabalho. O espaço que lhes corresponde na produção total não é de modo algum significativo, mesmo nos países mais desenvolvidos. [...] Atualmente, podem-se considerar como indústrias principais desse tipo as usinas de gás, o telégrafo, a fotografia, a navegação a vapor, e o sistema ferroviário. (MARX, [1867] 2013, p. 517)

O avanço progressivo do capitalismo, difundindo a relação social do capital e desenvolvendo suas forças produtivas, tende a abarcar a produção da vida material em sua totalidade. Daí que também alcance a esfera da produção cultural, promovendo a transição capitalista do processo de trabalho artístico, passando do artesanato à manufatura e desta à grande indústria. Interessante notar que, mesmo considerando esta produção ainda pouco significativa, Marx já aponte a fotografia como uma indústria estabelecida, contando, segundo o censo de 1861, com 2.366 trabalhadores na Inglaterra e no País de Gales. (MARX, [1867] 2013)

Isto ganha maior significado ao vermos que Benjamin ([1935-1936] 1994, p. 167) considera o desenvolvimento da fotografia como o primeiro momento em que “no processo de reprodução da imagem, a mão foi liberada das responsabilidades artísticas mais importantes, que agora cabiam unicamente ao olho”. Assim, a máquina fotográfica supera a base técnica artesanal da manufatura e instaura na produção cultural a base técnica da indústria, fundada na maquinaria, permitindo o aumento de produtividade na produção e reprodução de imagens.

Além disso, a especialização do trabalho implica também uma especialização do instrumento de trabalho, com aperfeiçoamento da maquinaria. Dirá Marx ([1867] 2013, p. 485): “os aperfeiçoamentos da maquinaria de trabalho, ao mesmo tempo que aumentam sua velocidade e eficácia, diminuem seu tamanho”. O caso da máquina fotográfica é emblemático, pois foi o progressivo aperfeiçoamento da técnica de captação, reprodução e projeção de imagens que deu origem ao cinema, tido como a indústria cultural por excelência, objeto de estudo de Benjamin, Adorno e Horkheimer.

O desenvolvimento das forças produtivas no campo da imagem leva ao extremo a possibilidade de transformar os artistas executantes em mercadorias objetificadas em imagens, numa fusão das duas formas diferentes de mercadorias culturais apontadas por Marx anteriormente. O cinema – e posteriormente a televisão – será uma radicalização da tecnologia da imagem, com a transformação da imagem em mercadoria. Isto provocará uma alteração profunda na sociedade, a qual Debord conceituará como *sociedade do espetáculo* por apresentar relações sociais mediadas por imagens¹⁹.

Seguindo a interpretação geral de Marx sobre a grande indústria, podemos refletir sobre a introdução da maquinaria na indústria cultural, transformando o processo produtivo do fazer artístico. A maquinaria promove o desenvolvimento das forças produtivas, com aumento de produtividade do trabalho, ao transformar o trabalho artesanal do artista em trabalho industrial. Altera os meios de produção artística, seu processo de trabalho e, conseqüentemente, o produto final deste trabalho. A produção e reprodução em massa de mercadorias culturais acabam por gerar mudanças estéticas, padronizando o que era antes feito de forma única e artesanal²⁰.

O processo de trabalho artístico será radicalmente alterado com a introdução da maquinaria, havendo progressiva subsunção real da força de trabalho ao capital. A multiplicação das máquinas-ferramenta operadas pelo trabalhador permite a superação dos limites físicos do trabalho manual de origem artesanal, consolidando a base técnica da grande indústria no campo cultural.

O salto de produtividade do trabalho é gigantesco, havendo queda progressiva no valor das mercadorias e aumentando muito a escala de produção, consolidando uma produção capitalista de mercadorias culturais para consumo de massa. Essa produção em larga escala, por sua vez, tem

¹⁹ “O espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens.” (DEBORD, [1967] 1997, p. 14)

²⁰ Conforme Theodor Adorno e Max Horkheimer ([1947] 1985), em *Dialética do esclarecimento*, mais especificamente no capítulo “A indústria cultural: o esclarecimento como mistificação das massas”.

a necessidade de um mercado cultural de grandes proporções para realizar suas mercadorias. Marx argumenta que produção, distribuição, troca e consumo são partes integrantes de um mesmo sistema em que a produção condiciona as formas de consumo, criando inclusive novas necessidades e moldando seu consumidor.

A necessidade que o consumo sente do objeto é criada pela própria percepção do objeto. O objeto de arte – como qualquer outro produto – cria um público capaz de apreciar a arte e de sentir prazer com a beleza. A produção, por conseguinte, produz não somente um objeto para o sujeito, mas também um sujeito para o objeto. Logo, a produção produz o consumo, na medida em que 1) cria o material para o consumo; 2) determina o modo de consumo; 3) gera como necessidade no consumidor os produtos por ela própria postos primeiramente como objetos. Produz, assim, o objeto de consumo, o modo de consumo e o impulso de consumo. (MARX, [1857-1858] 2011, p.47)

Pelo desenvolvimento das forças produtivas, pela expansão dos mercados, pela maior divisão social do trabalho e pela autonomização da produção cultural enquanto produção capitalista, consolida-se o sistema industrial no campo cultural, com um sistema integrado de produção e consumo de massa. A produção em massa de mercadorias culturais engendra nas pessoas a necessidade de seu consumo, formando seu mercado. Do mesmo modo, a formação da indústria cultural coloca a necessidade da produção em massa, com a padronização dos produtos culturais.

Uma vez consolidada a indústria cultural, passam a vigorar no campo da cultura as leis de tendência da acumulação capitalista apontadas por Marx. O modo de produção especificamente capitalista apresenta, dentre outras, a tendência à alteração da composição orgânica do capital, com aumento do capital constante aplicado em máquinas e infraestrutura, e as tendências à concentração e à centralização do capital, gerando uma indústria cultural dominada pelas grandes corporações com alto capital. A produção cultural passa a operar plenamente enquanto produção capitalista.

4. Conclusão

Feita esta tentativa de buscar na obra de Marx elementos de análise da cultura pela perspectiva da crítica da economia política, cabe agora concluir fazendo uma síntese dos elementos levantados. A distinção entre duas dimensões da cultura – o modo de vida particular e a produção cultural – abriu caminho no sentido de fazer uma aproximação entre modo de produção e modo de vida, por um lado, e, por outro, entre produção cultural e produção capitalista.

No campo da cultura enquanto modo de vida, busquei em Marx argumentos que permitam traçar um paralelo entre o modo de produção da vida material e a conformação de um modo de vida particular, em que a produção dos meios de subsistência se coloca como elemento determinante. O trabalho surge assim como a mediação universal entre ser humano e natureza, e a produção dos meios materiais de subsistência assume centralidade na formação de uma cultura.

A instauração do capital como relação social de produção dominante significa, em Marx, a consolidação do modo de produção capitalista. Essa transição ao capitalismo é também uma transição a outro modo de vida, com profundas mudanças culturais. Particularmente, o capitalismo traz em si novas contradições sociais, que se expressam também no campo da cultura. A formação das classes sociais e dos mercados está alicerçada na expropriação e mercantilização dos meios de subsistência dos trabalhadores. Inclusive o valor da mercadoria força de trabalho será determinado pelo valor dos meios de subsistência, que para Marx contém também um elemento cultural.

Assim, pudemos ver como a formação das classes sociais traz em si a formação de culturas de classe, condicionando o modo de vida particular das classes. No caso da classe trabalhadora, a cultura de classe se coloca como um fator de luta pela manutenção do valor da força de trabalho. Seja defendendo sua cultura laboral no processo de trabalho, seja defendendo seu

modo de vida particular fora do espaço de trabalho, a cultura de classe torna-se um ponto chave para a dinâmica da luta de classes. A cultura de classe e as condições de vida em comum homogeneízam os interesses e as pautas em disputa, favorecendo a organização da classe para a luta.

Outra dimensão da cultura abordada é a da produção cultural, a análise do campo das artes pela perspectiva da crítica da economia política. Sendo a arte um trabalho produtivo específico, Marx compreende o trabalho artístico como uma práxis, uma prática orientada para um fim determinado, com a produção de valores de uso socialmente válidos. Aí teríamos uma prática de trabalho libertadora, que possibilita a autorrealização, o autodesenvolvimento e o autodesenvolvimento do ser humano. No entanto, a esfera da produção cultural vai sendo apropriada pelo capital, transformando o produto artístico e a força de trabalho do artista em mercadorias.

Pelo viés da economia política da cultura, a arte surge em Marx como uma produção particular dentro da produção em geral da sociedade, condicionada pelo modo de produção capitalista. Isto significa que a relação social do capital se instaura no seio da produção cultural, operando uma completa transformação no processo de trabalho artístico, transformando-o em trabalho produtivo para o capital, isto é, para sua valorização. O trabalhador artista fica sujeito, então, à alienação, à subsunção e à exploração pelo capital no intuito de gerar mais-valor e acumulação de capital.

O desenvolvimento desigual do capitalismo se expressa num processo de industrialização desigual das diferentes esferas da produção da vida material. Por esse caminho se forma a indústria cultural, com a progressiva acumulação de capital impondo a produção em massa de mercadorias culturais. A introdução da maquinaria no processo de trabalho artístico determina tanto o aumento de produtividade do trabalho quanto sua subsunção real ao capital. O desenvolvimento das forças produtivas consolida a indústria cultural, que passa a ser regida pelas tendências da acumulação de capital apontadas por Marx. Assim, a produção cultural se afirma plenamente como produção capitalista.

Referências

- ADORNO, T. & HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Zahar, [1947] 1985.
- BENJAMIN, W. “A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica”. In: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- CEVASCO, M. E. *Dez lições sobre estudos culturais*. São Paulo: Boitempo, 2003.
- DEBORD, G. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, [1967] 1997.
- EAGLETON, T. *A ideia de cultura*. São Paulo: Editora UNESP, 2011.
- ENGELS, F. *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*. São Paulo: Boitempo, [1845] 2010.
- FREDERICO, C. “A arte em Marx: um estudo sobre os *Manuscritos econômico-filosóficos*”. In: _____. *Ensaio sobre marxismo e cultura*. Rio de Janeiro: Mórula, 2016.
- GRAMSCI. “Americanismo e fordismo”. In: _____. *Cadernos do cárcere*, v.4. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, [1934] 2001.
- KONDER, L. *Os marxistas e a arte*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.
- LIFSCHITZ, M. “Prólogo”. In: MARX, K. & ENGELS, F. *Cultura, arte e literatura: textos escolhidos*. Org. de José Paulo Netto e Miguel Yoshida. São Paulo: Expressão Popular, 2010.
- LUKÁCS, G. “Introdução aos escritos estéticos de Marx e Engels”. In: _____. *Arte e sociedade: escritos estéticos (1932-1967)*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2009.
- _____. *Para uma ontologia do ser social*, v.I. São Paulo: Boitempo, 2018.
- MARX, K. *Manuscritos econômico-filosóficos*. São Paulo: Boitempo Editorial, [1843-1844] 2004.
- _____. *O 18 de brumário de Luís Bonaparte*. São Paulo: Boitempo, [1852] 2011.
- _____. *Grundrisse: manuscritos econômicos de 1857-1858: esboços da crítica da economia política*. São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, [1857-1858] 2011.
- _____. *Contribuição à crítica da economia política*. São Paulo: Martins Fontes, [1859] 1977.
- _____. *O capital: crítica da economia política*. Livro I: o processo de produção do capital. São Paulo: Boitempo, [1867] 2013.
- MARX, K. & ENGELS, F. *A ideologia alemã*. São Paulo: Expressão Popular, [1846] 2009.
- _____. *Manifesto do partido comunista*. Porto Alegre: L & PM, [1848] 2007.
- _____. *Cultura, arte e literatura: textos escolhidos*. Org. de José Paulo Netto e Miguel Yoshida. São Paulo: Expressão Popular, 2010.
- THOMPSON. “Tempo, disciplina de trabalho e capitalismo industrial”. In: _____. *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das letras, [1967] 1998.
- _____. “Folclore, antropologia e história social”. In: _____. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Org. de Antonio Luigi Negro e Sergio Silva. Campinas: Editora da Unicamp, 2012.
- WILLIAMS, R. *Palavras-chave: um vocabulário de cultura e sociedade*. São Paulo: Boitempo, 2007
- _____. “Base e superestrutura na teoria da cultura marxista”. In: _____. *Cultura e materialismo*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.